**EDITAL IFRS Nº 38/2018**

**RESPOSTAS AOS RECURSOS: LETRAS: PORTUGUÊS E INGLÊS**

## PROTOCOLO: 167

Inscrição: 40.140364

Data de Envio: 20/08/2018 14:04

Questão: 1

Bibliografia: AUERBACK, Erich. Mimesis: A representação da realidade na literatura ocidental. 2.ed.rev.São Paulo:Perspectiva,1987.p.5-9.)

RECURSO:

Encaminho esta mensagem, com o propósito de requerer a anulação da questão de número: 25 da prova para o provimento de docente de inglês-português do IFRS, em função da argumentação fundamentada abaixo:

As questões referentes ao enunciado da questão da obra intitulada: "A representação da realidade na literatura ocidental" estão bem confusas e, de difícil compreensão, em especial, a resposta considerada correta, da letra b, a qual menciona a expressão: "de forma linear", à qual em nenhum momento é citada, e nem sugerida no texto de referência, utilizada para resposta das questões.

 Em função do supra-citado, solicito a gentileza de anularem a questão.

Atenciosamente,

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

A questão número 25 solicita justamente que a candidata ou o candidato indique “a alternativa que se apresenta INCORRETA em relação ao que propõe o estudioso”, portanto a expressão “de maneira linear” – e não “de forma linear” como cita o recurso – está incorreta, sendo assim a alternativa a ser corretamente assinalada (alternativa B).

Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 200

Inscrição: 40.137316

Data de Envio: 20/08/2018 17:03

Questão: 14

Bibliografia: BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

RECURSO:

O gabarito aponta como correta a alternativa ?e?, que traz como verdadeira, além da afirmação em II, a afirmação em III. No entanto, defendemos que, segundo o conteúdo programático indicado, apenas a afirmação II está correta. Por tal motivo, pede-se alteração de gabarito para a alternativa ?b?. A fundamentação encontra-se a seguir:

A afirmação II aponta que ?O segmento ?triste, deitado, pensativo??, o qual consta na oração ?Vou triste, deitado, pensativo.?, ?exerce a função de predicativo do sujeito?.

Para Cunha e Cintra (2013, p. 146), a função de predicativo do sujeito ocorre quando há um predicado nominal (com verbo de ligação, o que, o verbo "ir" não é).

Ora, mesmo que Evanildo Bechara, em sua Moderna gramática portuguesa (2009, p. 426) argumente que não vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal, apontando que existe o que ele chama de um outro tipo de predicativo ( p.428), o ?anexo predicativo?, o qual ?não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso dos verbos ser, estar, ficar, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de outros verbos de ação ou processo? (BECHARA, 2009, p. 429-430), a afirmação em II não é verdadeira, uma vez que o segmento ?triste, deitado, pensativo? não exerce a função de predicativo do sujeito, e sim de adjunto adverbial modal uma vez que responde ?à pergunta como? de que modo ou maneira? e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza? (BECHARA, 2009, p. 442). No caso da oração apontada ?Vou triste, deitado, pensativo.?, o segmento se refere ao verbo ?vou?, sendo uma descrição do verbo, o que faz dele um adjunto adverbial modal, ao contrário do que diz a afirmação II. O próprio Bechara aponta que tal confusão é bastante comum, uma vez que ?Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo? (2009, p. 443)

Mesmo que se considere que o segmento se refira ao sujeito, se tratando de um predicativo, defendemos que não há possibilidade de chamarmos tal função de predicativo do sujeito, uma vez que o próprio Bechara utiliza a nomenclatura ?anexo predicativo? em detrimento desta.

Bechara aponta algumas diferenças entre o predicativo do sujeito usual, que vemos normalmente após os verbos ser, estar, parecer, etc., e os predicativos de verbos de ação (p. 429-430). Ele aponta que Said Ali chamou de ?anexo predicativo? a estes predicativos, destacando que a nomenclatura pode ser utilizada, pela natureza diversa que apresentam os predicativos deste tipo.

Desta forma, defendemos que, por NÃO ter o autor sugerido que este tipo de predicativo DEVA ser chamado de predicativo do sujeito, apontando existir outras possibilidades de nomear tais estruturas, e, devido à polêmica em torno dessa nomeação, levantada pelo próprio autor, diferentemente do que o mesmo faz em outros pontos nos quais assume uma posição específica, não é possível defender que o exemplo apresentado em II exerça a função de ?predicativo do sujeito?, o que torna a afirmação II incorreta, ou, ao menos, dúbia.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O candidato solicita a anulação da questão. Alega que a sequência “triste cansado, pensativo” (linha 43 do texto apresentado na prova) pode ser analisada como adjunto adverbial de modo na sentença em que figura. Tal argumento não pode prosperar. Os adjetivos “triste”, “cansado”, “pensativo” não qualificam a ação expressa na sentença, mas sim o referente expresso pelo sujeito. Ou seja, os adjetivos não especificam o modo como ocorre a viagem de Vanderlei de volta para casa; o que fazem é caracterizar o seu estado de ânimo durante esse retorno. Para caracterizar o modo como ocorre a volta, seria necessária alguma construção capaz de assumir valor adverbial: um advérbio (p. ex.: Vou apressadamente), uma oração reduzida de gerúndio (p. ex. “Vou correndo”) ou uma locução adverbial (p. ex.: “Vou de carro”). Em todos esses casos, estaríamos diante de adjuntos adverbiais de modo, já que estariam predicando sobre a ação, e não sobre o sujeito da sentença. Já em “Vou triste cansado, pensativo”, os adjetivos predicam sobre o sujeito, razão pela qual constituem o que a Gramática Normativa classifica como predicativo do sujeito. Tanto é assim que, neste caso, diferentemente dos casos em que há expressões funcionando como adjuntos adverbiais (que são invariáveis), exige-se dos adjetivos que compõem o predicativo a concordância nominal (em gênero e número) com o sujeito. Sendo assim, se o sujeito fosse o pronome “elas” (3ª pessoa do plural), a frase deveria ser escrita da seguinte forma: “Elas vão tristes, cansadas, pensativas”. A concordância em gênero e número, aqui, revela que os adjetivos predicam sobre o sujeito e não sobre a ação, razão pela qual a construção em que se encontram deve ser classificada como predicativo do sujeito. Sendo assim, estão corretas apenas as afirmações II e III da questão 14, tornando correta a alternativa E, conforme foi divulgado no gabarito oficial.

Vale ainda esclarecer que, contrariamente ao que alega o candidato, a função sintática de predicativo do sujeito não ocorre apenas em orações nominais; ocorre também em orações verbo-nominais, caso em que não se encontra introduzida pelos verbos “ser”, “estar”, “parecer”. A *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, indicada na bibliografia do concurso e mencionada pelo candidato em seu recurso, na parte em que discorre sobre as características dos predicados verbo-nominais (p. 151 da 6ª edição), afirma o seguinte: “Não são apenas os verbos de ligação que se constroem com predicativo do sujeito. Também os verbos significativos podem ser empregados com ele.” Após esse esclarecimento, leem-se os seguintes exemplos: “Paulo riu despreocupado”, “Amélia saiu da igreja, muito fatigada, muito pálida”.

Não procede também a crítica à questão 14 com base na suposta constatação de que uma das gramáticas indicadas na bibliografia do concurso, a de Evanildo Bechara, nega a expressões com a função aqui abordada o nome predicativo do sujeito. Em uma seção intitulada “Outro tipo de predicativo: anexo predicativo” (pág. 428 da 37ª edição), o autor (como já deixa claro o próprio título da seção) estabelece que a expressão “anexo predicativo” serve para caracterizar o predicativo do sujeito ou do objeto em orações verbo-nominais. Tanto é assim que, em todos os exemplos apresentados nessa seção são acompanhados da classificação de predicativo do sujeito.

Sendo assim, estão corretas apenas as afirmações II e III da questão 14, tornando correta a alternativa E, conforme foi divulgado no gabarito oficial. Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 186

Inscrição: 40.137316

Data de Envio: 20/08/2018 16:00

Questão: 14

Bibliografia: BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

RECURSO:

O gabarito aponta como correta a alternativa ?e?, que traz como verdadeira, além da afirmação em II, a afirmação em III. No entanto, defendemos que, segundo o conteúdo programático indicado, apenas a afirmação II está correta. Por tal motivo, pede-se alteração de gabarito para a alternativa ?b?. A fundamentação encontra-se a seguir:

A afirmação II aponta que ?O segmento ?triste, deitado, pensativo??, o qual consta na oração ?Vou triste, deitado, pensativo.?, ?exerce a função de predicativo do sujeito?.

Ora, mesmo que Evanildo Bechara, em sua Moderna gramática portuguesa (2009, p. 426) argumente que não vale a pena distinguir predicado verbal e predicado nominal, apontando que existe o que ele chama de um outro tipo de predicativo ( p.428), o ?anexo predicativo?, o qual ?não se restringe à referência ao sujeito, em orações com o concurso dos verbos ser, estar, ficar, etc. Pode aparecer em predicados simples e complexos, com o concurso de outros verbos de ação ou processo? (BECHARA, 2009, p. 429-430), a afirmação em II não é verdadeira, uma vez que o segmento ?triste, deitado, pensativo? não exerce a função de predicativo do sujeito, e sim de adjunto adverbial modal uma vez que responde ?à pergunta como? de que modo ou maneira? e se reportam ao verbo ou ao sintagma verbal da oração, para qualificar ou descrever como o processo verbal se realiza? (BECHARA, 2009, p. 442). No caso da oração apontada ?Vou triste, deitado, pensativo.?, o segmento se refere ao verbo ?vou?, sendo uma descrição do verbo, o que faz dele um adjunto adverbial modal, ao contrário do que diz a afirmação II. O próprio Bechara aponta que tal confusão é bastante comum, uma vez que ?Muitas vezes a experiência que se comunica aproxima o valor modal de adjuntos adverbiais ao sentido modal ou qualitativo que se atribui ao sujeito e ao complemento direto por meio de um anexo predicativo? (2009, p. 443)

Mesmo que se considere que o segmento se refira ao sujeito, se tratando de um predicativo, defendemos que não há possibilidade de chamarmos tal função de predicativo do sujeito, uma vez que o próprio Bechara utiliza a nomenclatura ?anexo predicativo? em detrimento desta.

Bechara aponta algumas diferenças entre o predicativo do sujeito usual, que vemos normalmente após os verbos ser, estar, parecer, etc., e os predicativos de verbos de ação (p. 429-430). Ele aponta que Said Ali chamou de ?anexo predicativo? a estes predicativos, destacando que a nomenclatura pode ser utilizada, pela natureza diversa que apresentam os predicativos deste tipo.

Desta forma, defendemos que, por NÃO ter o autor sugerido que este tipo de predicativo DEVA ser chamado de predicativo do sujeito, apontando existir outras possibilidades de nomear tais estruturas, e, devido à polêmica em torno dessa nomeação, levantada pelo próprio autor, diferentemente do que o mesmo faz em outros pontos nos quais assume uma posição específica, não é possível defender que o exemplo apresentado em II exerça a função de ?predicativo do sujeito?, o que torna a afirmação II incorreta, ou, ao menos, dúbia.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O candidato solicita a anulação da questão. Alega que a sequência “triste cansado, pensativo” (linha 43 do texto apresentado na prova) pode ser analisada como adjunto adverbial de modo na sentença em que figura. Tal argumento não pode prosperar. Os adjetivos “triste”, “cansado”, “pensativo” não qualificam a ação expressa na sentença, mas sim o referente expresso pelo sujeito. Ou seja, os adjetivos não especificam o modo como ocorre a viagem de Vanderlei de volta para casa; o que fazem é caracterizar o seu estado de ânimo durante esse retorno. Para caracterizar o modo como ocorre a volta, seria necessária alguma construção capaz de assumir valor adverbial: um advérbio (p. ex.: Vou apressadamente), uma oração reduzida de gerúndio (p. ex. “Vou correndo”) ou uma locução adverbial (p. ex.: “Vou de carro”). Em todos esses casos, estaríamos diante de adjuntos adverbiais de modo, já que estariam predicando sobre a ação, e não sobre o sujeito da sentença. Já em “Vou triste cansado, pensativo”, os adjetivos predicam sobre o sujeito, razão pela qual constituem o que a Gramática Normativa classifica como predicativo do sujeito. Tanto é assim que, neste caso, diferentemente dos casos em que há expressões funcionando como adjuntos adverbiais (que são invariáveis), exige-se dos adjetivos que compõem o predicativo a concordância nominal (em gênero e número) com o sujeito. Sendo assim, se o sujeito fosse o pronome “elas” (3ª pessoa do plural), a frase deveria ser escrita da seguinte forma: “Elas vão tristes, cansadas, pensativas”. A concordância em gênero e número, aqui, revela que os adjetivos predicam sobre o sujeito e não sobre a ação, razão pela qual a construção em que se encontram deve ser classificada como predicativo do sujeito. Sendo assim, estão corretas apenas as afirmações II e III da questão 14, tornando correta a alternativa E, conforme foi divulgado no gabarito oficial.

Vale ainda esclarecer que, contrariamente ao que alega o candidato, a função sintática de predicativo do sujeito não ocorre apenas em orações nominais; ocorre também em orações verbo-nominais, caso em que não se encontra introduzida pelos verbos “ser”, “estar”, “parecer”. A *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, indicada na bibliografia do concurso e mencionada pelo candidato em seu recurso, na parte em que discorre sobre as características dos predicados verbo-nominais (p. 151 da 6ª edição), afirma o seguinte: “Não são apenas os verbos de ligação que se constroem com predicativo do sujeito. Também os verbos significativos podem ser empregados com ele.” Após esse esclarecimento, leem-se os seguintes exemplos: “Paulo riu despreocupado”, “Amélia saiu da igreja, muito fatigada, muito pálida”.

Não procede também a crítica à questão 14 com base na suposta constatação de que uma das gramáticas indicadas na bibliografia do concurso, a de Evanildo Bechara, nega a expressões com a função aqui abordada o nome predicativo do sujeito. Em uma seção intitulada “Outro tipo de predicativo: anexo predicativo” (pág. 428 da 37ª edição), o autor (como já deixa claro o próprio título da seção) estabelece que a expressão “anexo predicativo” serve para caracterizar o predicativo do sujeito ou do objeto em orações verbo-nominais. Tanto é assim que, em todos os exemplos apresentados nessa seção são acompanhados da classificação de predicativo do sujeito.

Sendo assim, estão corretas apenas as afirmações II e III da questão 14, tornando correta a alternativa E, conforme foi divulgado no gabarito oficial. Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 206

Inscrição: 40.137316

Data de Envio: 20/08/2018 17:46

Questão: 15

Bibliografia: BAGNO, Marcos. Gramática pedagógica do português brasileiro. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2012. (caps. 9 a 20)

BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. ver. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. Nova gramática do português contemporâneo. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

RECURSO:

Pede-se a anulação da questão, pelos motivos que seguem.

Embora a conjunção "que" na alternativa "c" seja claramente uma conjunção integrante, uma vez que não são apontadas as referências na questão, e algumas obras referenciadas no conteúdo programático (CUNHA e CINTRA, PERINI, BECHARA) não utilizam tal nomenclatura, ao abordar tal classificação sem que seja apontada à qual obra a questão se refere, o enunciado da questão abre margem para ser desqualificado.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O candidato alega que, embora a alternativa apresente uma frase em que ocorre conjunção integrante, as gramáticas indicadas na bibliografia do concurso não utilizam tal nomenclatura. Tal afirmação, no entanto, não se confirma.

A *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, na página 600, inclui em sua lista de conjunções subordinativas as conjunções integrantes. Na mesma obra, na página 614, os autores afirmam “As ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS vêm normalmente introduzidas pela CONJUNÇÃO INTEGRANTE [...]”.

A Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara, apesar de propor nomear como transpositores as conjunções integrantes, não ignora ser este nome o estabelecido pela Nomenclatura Gramatical Brasileira e adotado na maioria das gramáticas, como se pode perceber na seguinte passagem: “Além do que transpositor de oração ao nível de substantivo, chamado conjunção integrante [...]” (p. 323).

Percebe-se, dessa forma, que o termo “conjunção integrante” encontra-se consagrado nas obras gramaticais, sendo, portanto, legítima sua utilização em prova de seleção para cargo de professor na área de Letras.

Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 202

Inscrição: 40.137762

Data de Envio: 20/08/2018 17:10

Questão: 16

Bibliografia: Retirado de Gramática de Usos do Português de Maria Helena de Moura Neves (pá. 53).

RECURSO:

A alternativa "b" também está correta, tendo em vista que "dão um banho" pode ser classificado como verbo suporte, ou seja, um verbo de significado esvaziado que forma com seu complemento, um significado global, geralmente correspondente a outro verbo da língua:

Ex. Odete deu um grito.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O candidato afirma que a alternativa B contém uma afirmação correta, já que o verbo em “dão um banho” pode ser classificado como verbo suporte. A banca concorda com o candidato. Ocorre que a questão 16 solicita que o candidato identifique a alternativa com uma afirmação INCORRETA. A alternativa B, como reconhece o candidato, é CORRETA, não podendo ser a resposta da questão 16.

Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 500

Inscrição: 40.138485

Data de Envio: 21/08/2018 23:19

Questão: 17

Bibliografia: BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. Gramática. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999

RECURSO:

Se analisarmos do ponto de vista de definição, é possível concluir que a alternativa E também é correta, levando em consideração os seguintes aspectos:

Enunciado do texto: Você sabe que isso é uma fantasia, que o cavalo é um cabo de vassoura.

1) As Orações S. Adjetivas Explicativas devem ser separadas da oração principal por vírgula;

2) A oração principal é ?Você sabe que isso é uma fantasia?, a sequência da frase apenas amplia o conteúdo informacional da frase, portanto é explicativa.

3) As Orações S. Adjetivas Explicativas modificam um termo da oração principal, neste caso fantasia, conferindo-lhe atributos não essenciais à identificação de seu referente discursivo. Esses atributos podem não ser inerentes ao termo modificado, mas adquirem status de inerentes. O que é diferente, por exemplo, da Oração Restritiva, que é necessária à identificação do termo que modificam.

4) Conforme Faraco e Moura (1999, p. 421), as Orações S. Adjetivas Explicativas ?[...] são orações que não limitam o sentido do antecedente. Acrescentam uma informação que pode ser eliminada sem causar prejuízo para a compreensão lógica da frase.?

5) Na mesma perspectiva, de Bechara (2009, p. 467), que a ?[...] a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem o prejuízo total da mensagem.?

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O candidato não esclarece se quer alteração de gabarito ou anulação da questão.

Considera que, além da alternativa C, está correta a alternativa E da questão 17, que afirma que a vírgula da frase “Você sabe que isso é uma fantasia, que o cavalo é um cabo de vassoura” tem a função de isolar uma oração subordinada adjetiva explicativa. Ocorre que a oração “que o cavalo é um cabo de vassoura” é uma oração subordinada substantiva objetiva direta e não uma oração subordinada adjetiva explicativa. Se fosse uma oração subordinada adjetiva explicativa, a palavra “que” deveria ser correferente com alguma expressão substantiva precedente. Não há nada que anteceda a palavra “que” que possa ser correferente a ela. A conjunção “que”, neste caso, é uma conjunção integrante, que introduz uma segunda oração subordinada substantiva objetiva direta, separada por vírgula da anterior pela regra que recomenda o uso de vírgula para separar termos em sequência com mesma função sintática.

 Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 166

Inscrição: 40.137128

Data de Envio: 20/08/2018 13:59

Questão: 17

Bibliografia: MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa. São Paulo: Cultrix, 1968

RECURSO:

O gabarito afirma que a questão 17 tem a letra "c" como correta, mas a letra c afirma que a elisão na SEGUNDA ocorrência de perdem na linha 20 exige vírgula, mas o trecho da linha 20 "os patos perdem as penas, os peixes PERDEM as escamas, e eu perco tempo..." a vírgula não pode ser inserida ali, entre o SEGUNDO perdem e o objeto "escamas". a resposta correta é a letra "e".

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O candidato solicita alteração do gabarito da questão 17, de letra C para letra E.

 Em relação à alternativa C, afirma que não se pode inserir uma vírgula entre a segunda ocorrência de “perdem”, na linha 20, e “as escamas”. Não é isso, no entanto, que propõe a alternativa C, que solicita que o candidato considere a inserção de vírgula no caso de elisão (apagamento) da forma “perdem”. Nesse caso, conforme esclarece a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra, na página 660, é necessária a colocação de uma vírgula para “indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo)”.

A alternativa E afirma que a vírgula da frase “Você sabe que isso é uma fantasia, que o cavalo é um cabo de vassoura” tem a função de isolar uma oração subordinada adjetiva explicativa. Ocorre que a oração “que o cavalo é um cabo de vassoura” é uma oração subordinada substantiva objetiva direta e não uma oração subordinada adjetiva explicativa. Se fosse uma oração subordinada adjetiva explicativa, a palavra “que” deveria ser correferente com alguma expressão substantiva precedente. Não há nada que anteceda a palavra “que” que possa ser correferente a ela. A conjunção “que”, neste caso, é uma conjunção integrante, que introduz uma segunda oração subordinada substantiva objetiva direta, separada por vírgula da anterior pela regra que recomenda o uso de vírgula para separar termos em sequência com mesma função sintática. Neste caso, não se trata, portanto, de uso de vírgula para isolar uma oração subordinada adjetiva explicativa.

 Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 196

Inscrição: 40.137778

Data de Envio: 20/08/2018 16:47

Questão: 17

Bibliografia: BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. Gramática. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999

RECURSO:

Sugere-se anulação da questão:

Se analisarmos do ponto de vista de definição, é possível concluir que a alternativa "E" também é correta, levando em consideração os seguintes aspectos:

Enunciado do texto: "Você sabe que isso é uma fantasia, que o cavalo é um cabo de vassoura."

1) As Orações S. Adjetivas Explicativas devem ser separadas da oração principal por vírgula;

2) A oração principal é ?Você sabe que isso é uma fantasia?, a sequência da frase apenas amplia o conteúdo informacional da frase, portanto é explicativa.

3) As Orações S. Adjetivas Explicativas modificam um termo da oração principal, neste caso fantasia, conferindo-lhe atributos não essenciais à identificação de seu referente discursivo. Esses atributos podem não ser inerentes ao termo modificado, mas adquirem status de inerentes. O que é diferente, por exemplo, da Oração Restritiva, que é necessária à identificação do termo que modificam.

4) Conforme Faraco e Moura (1999, p. 421), as Orações S. Adverbiais Explicativas ?[...] são orações que não limitam o sentido do antecedente. Acrescentam uma informação que pode ser eliminada sem causar prejuízo para a compreensão lógica da frase.?

5) Na mesma perspectiva, de Bechara (2009, p. 467), que a ?[...] a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem o prejuízo total da mensagem.?

Dessa forma, tomando a concepção de Oração S. Adjetiva Explicativa como um enunciado que apenas confere informação ao que é dito anteriormente(Oração Principal) e, portanto não é essencialmente necessário ao sentido da frase, a alternativa "E" também pode ser considerada correta.

OBS: Isso está posto em um dos livros indicados como referência da prova, "Moderna gramática portuguesa", do Bechara.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O candidato não esclarece se quer alteração de gabarito ou anulação da questão.

Considera que, além da alternativa C, está correta a alternativa E, que afirma que a vírgula da frase “Você sabe que isso é uma fantasia, que o cavalo é um cabo de vassoura” tem a função de isolar uma oração subordinada adjetiva explicativa. Ocorre que a oração “que o cavalo é um cabo de vassoura” é uma oração subordinada substantiva objetiva direta e não uma oração subordinada adjetiva explicativa. Se fosse uma oração subordinada adjetiva explicativa, a palavra “que” deveria ser correferente com alguma expressão substantiva precedente. Não há nada que anteceda a palavra “que” que possa ser correferente a ela. A conjunção “que”, neste caso, é uma conjunção integrante, que introduz uma segunda oração subordinada substantiva objetiva direta, separada por vírgula da anterior pela regra que recomenda o uso de vírgula para separar termos em sequência com mesma função sintática.

 Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 208

Inscrição: 40.137778

Data de Envio: 20/08/2018 18:30

Questão: 17

Bibliografia: BECHARA, Evanildo. Moderna gramática portuguesa. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco Marto. Gramática. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999

RECURSO:

Sugere-se anulação da questão:

Se analisarmos do ponto de vista de definição, é possível concluir que a alternativa "E" também é correta, levando em consideração os seguintes aspectos:

Enunciado do texto: "Você sabe que isso é uma fantasia, que o cavalo é um cabo de vassoura."

1) As Orações S. Adjetivas Explicativas devem ser separadas da oração principal por vírgula;

2) A oração principal é ?Você sabe que isso é uma fantasia?, a sequência da frase apenas amplia o conteúdo informacional da frase, portanto é explicativa.

3) As Orações S. Adjetivas Explicativas modificam um termo da oração principal, neste caso fantasia, conferindo-lhe atributos não essenciais à identificação de seu referente discursivo. Esses atributos podem não ser inerentes ao termo modificado, mas adquirem status de inerentes. O que é diferente, por exemplo, da Oração Restritiva, que é necessária à identificação do termo que modificam.

4) Conforme Faraco e Moura (1999, p. 421), as Orações S. Adjetivas Explicativas ?[...] são orações que não limitam o sentido do antecedente. Acrescentam uma informação que pode ser eliminada sem causar prejuízo para a compreensão lógica da frase.?

5) Na mesma perspectiva, de Bechara (2009, p. 467), que a ?[...] a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser mero apêndice, pode ser dispensada sem o prejuízo total da mensagem.?

Dessa forma, tomando a concepção de Oração S. Adjetiva Explicativa como um enunciado que apenas confere informação ao que é dito anteriormente(Oração Principal) e, portanto não é essencialmente necessário ao sentido da frase, a alternativa "E" também pode ser considerada correta.

OBS: Isso está posto em um dos livros indicados como referência da prova, "Moderna gramática portuguesa", do Bechara.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O candidato solicita a anulação da questão.

Considera correta a alternativa E, que afirma que a vírgula da frase “Você sabe que isso é uma fantasia, que o cavalo é um cabo de vassoura” tem a função de isolar uma oração subordinada adjetiva explicativa. Ocorre que a oração “que o cavalo é um cabo de vassoura” é uma oração subordinada substantiva objetiva direta e não uma oração subordinada adjetiva explicativa. Se fosse uma oração subordinada adjetiva explicativa, a palavra “que” deveria ser correferente com alguma expressão substantiva precedente. Não há nada que anteceda a palavra “que” que possa ser correferente a ela. A conjunção “que”, neste caso, é uma conjunção integrante, que introduz uma segunda oração subordinada substantiva objetiva direta, separada por vírgula da anterior pela regra que recomenda o uso de vírgula para separar termos em sequência com mesma função sintática.

 Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 437

Inscrição: 40.138615

Data de Envio: 21/08/2018 20:01

Questão: 17

Bibliografia: Michaelis on-line - Dicionário brasileiro da língua portuguesa. Disponível em:<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/elisão/>. Acesso em: 21 ago 2018.

RECURSO:

A questão deixa bem claro que a alternativa a ser assinalada deve ser a CORRETA. Segundo o gabarito, a resposta seria a letra "c". No entanto, assim como em todas as outras letras ("a", "b", "d" e "e"), refere-se a processos lexicogramaticais que devem ser verificados no texto dado. Ocorre que não há elisão (ação ou efeito de elidir, segundo o dicionário Michaelis on-line e outos) na linha 20 do referido texto. Assim, não se justificaria uma vírgula no local. A questão, portanto, induz ao erro e deve ser revista.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O candidato alega que não há elisão da segunda ocorrência de “perdem” na linha 20, não havendo, em seu entendimento, necessidade de vírgula no texto. Ocorre que a afirmação a ser julgada na alternativa C propõe justamente considerar a realização dessa elisão. A afirmação é bem clara, usando inclusive o valor hipotético do futuro do pretérito (“exigiria”), para não deixar dúvida de que se trata de uma proposta de alteração da forma original do texto. Além do mais, se não fosse para propor uma elisão, não faria sentido falar de uma elisão que não se observa no texto original. A interpretação da afirmação realizada na alternativa C feita pelo candidato não se sustenta tanto pela consideração da clara estrutura hipotética usada em sua formulação, quanto pela consideração de suas possíveis interpretações.

 Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 483

Inscrição: 40.137591

Data de Envio: 21/08/2018 22:24

Questão: 17

Bibliografia: PERINI, Mário A. Gramática descritiva do português. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005.

RECURSO:

A título de exemplo, Perini (2005: 298-299), em "Gramática descritiva do português", em questão similar a do gabarito recorrido, resposta C, em momento algum destaca a necessidade de vírgula para demonstrar a ocorrência de elipse. No exemplo dado pelo autor: "Serafim toca flautim e Ivone trombone", o autor destaca que, para a segunda oração não ficar com dois sintagmas nominais, deve-se, como regra, inserir "na representação semântica de uma oração coordenada sem NdP ou predicado uma cópia da matriz semântica do NdP ou predicado (respectivamente) da oração mediatamente precedente". Ressalta-se que em momento algum o referido autor versa sobre a necessidade do uso de vírgula como forma padrão para esse caso de elipse. Assim, dizer que "a elisão da segunda linha 20 exigiria, por repeito à norma gramatical a inserção de uma vírgula no mesmo lugar" estaria errada. Dessa forma, tendo em vista o correto entendimento da literatura indicada para este certame, a questão deve ser anulada, visto que não possui resposta correta.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O candidato solicita a anulação da questão. Em sua opinião, a afirmação que constitui a alternativa C não é verdadeira. Sustenta sua opinião com uma passagem da Gramática descritiva do português, de Mário Perini, indicada na bibliografia do concurso, na qual o autor discorre sobre o processo de interpretação de orações com elipse do verbo apresentando uma sentença em que o apagamento não é marcado por vírgula. É preciso esclarecer, no entanto, que a passagem aludida pelo candidato não trata de regras de pontuação, tampouco faz qualquer referência à opcionalidade da vírgula em casos de elipse. Por fim, é necessário lembrar que a Gramática descritiva do português é uma obra sem pretensões normativas (é descritiva), e que a afirmativa C é bem clara em sua intenção de cobrar conhecimento da norma ao referir-se à exigência de uma vírgula por respeito à norma gramatical. Essa norma está bem estabelecida na *Nova gramática do português contemporâneo*, de Celso Cunha e Lindley Cintra (indicada na bibliografia do concurso), onde se lê “é necessária a colocação de uma vírgula para indicar a supressão de uma palavra (geralmente o verbo)”.

 Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 203

Inscrição: 40.137762

Data de Envio: 20/08/2018 17:28

Questão: 18

Bibliografia: Arquiterura da Conversação - Teoria das Implicaturas (Oliveira e Basso)

RECURSO:

A resposta correta da questão é apenas a I, tendo em vista que a afirmação da III (de que os dois enunciados evidenciam que a questão perguntada pode ter mais de um sentido) não se sustenta na teoria das implicaturas. O entrevistado responde à pergunta "como você vai embora?" com duas orações que exprimem o seu estado emocional e a forma como volta. Tendo em vista que o falante atende à máxima da quantidade de Grice: 1. Faça com que sua contribuição seja tão informativa quanto solicitado (requerido) (para o propósito corrente da conversação) e 2. Não faça sua contribuição mais informativa do que é solicitado (requerido), podemos afimar que sua resposta não evidencia dois sentidos ao interlocutor.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O candidato solicita alteração do gabarito da questão 18, de letra D para letra A, por discordar da afirmação III, segundo a qual, na linha 43, os dois enunciados apresentados como resposta à questão da linha 42 evidenciam que essa questão pode ter mais de um sentido. Em sua opinião, a afirmação não se sustenta na teoria das implicaturas. O trecho ao qual a afirmação se refere é reproduzido a seguir.

“– Como você vai embora?

– Vou triste, deitado, pensativo. Volto com os bichos.”

Antes de mais nada, é importante notar que a fala de Vanderlei contém dois enunciados, cada um dos quais respondendo de modo distinto a mesma pergunta. O primeiro enunciado da resposta evidencia uma interpretação da pergunta de acordo com a qual estaria indagando sobre o estado de espírito de Vanderlei ao voltar da Expointer para sua casa. Já o segundo enunciado da resposta evidencia outra interpretação possível para a pergunta, de acordo com a qual estaria indagando sobre o meio como Vanderlei viabiliza sua volta para casa. Apenas essa constatação é suficiente para evidenciar que a questão da linha 42 pode ter mais de um sentido.

Apesar dessa evidência, o candidato parece entender que a afirmação precisaria estar amparada na teoria das implicaturas. Embora esse amparo não seja necessário para validar a afirmação, que depende apenas da capacidade de interpretar enunciados em um texto, a teoria das implicaturas explica adequadamente casos em que um enunciado (neste caso, uma pergunta) assume mais de um sentido. O candidato alude, em seu recurso, à máxima da quantidade, esquecendo-se de invocar a máxima apropriada para a análise de casos como este: a Máxima da Relação. Segundo essa máxima, um enunciado é interpretado em função de sua relação com o contexto de produção. No caso específico, o contexto são os enunciados precedentes, que acionam conteúdos relativos ao modo de locomoção de Vanderlei e ao seu estado de espírito. O primeiro tipo de conteúdo aparece na linha 37 (“Cheguei na sexta passada. Vim de caminhão, com touros de raça. Sobrava um lugarzinho.”). O segundo tipo de conteúdo aparece na linha 39 (“Me dá uma tristeza no coração.”) e na linha 41 (“É uma tristeza funda”). Note-se que esses três enunciados são respostas a três perguntas que antecedem a pergunta referida na afirmação III da questão 18, constituindo o contexto imediatamente precedente, suficientemente próximo para acionar, via Máxima da Relação, duas interpretações possíveis. Percebe-se, portanto, que as duas interpretações identificadas para a pergunta (evidenciadas pelos dois enunciados de resposta) decorrem da relação (Máxima da Relação) entre o enunciado proferido e o contexto de enunciação. Sendo assim, contrariamente ao que parece pensar o candidato, a teoria das implicaturas explica de modo adequado a duplicidade de sentido da pergunta presente na linha 42 do texto.

Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 318

Inscrição: 40.137625

Data de Envio: 21/08/2018 13:06

Questão: 18

Bibliografia: OLIVEIRA, Roberta Pires de; BASSO, Renato Miguel. Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

RECURSO:

Defende-se que a primeira afirmação da questão 18 está incorreta, pois a expressão ?às vezes? NÃO aciona uma implicatura CONVERSACIONAL, já que ?implicaturas conversacionais NÃO estão atreladas a uma expressão linguística?, conforme Oliveira e Basso (2014, p. 40, grifo meu). Diferentemente do que é defendido na afirmação I, a expressão ?às vezes? aciona uma implicatura CONVENCIONAL, que, de acordo com Oliveira e Basso (2014, p. 39, grifo meu), tratam-se de implicaturas ?disparadas CONVENCIONALMENTE por uma expressão linguística ou um item em particular?. Desse modo, a resposta do exercício 18 corresponde à alternativa letra C, que apresenta apenas a afirmação III como correta.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

De acordo com o entendimento do candidato, a expressão “às vezes” aciona uma implicatura convencional, e não conversacional. Em seu favor, alega que a referida expressão não carrega as marcas de implicaturas conversacionais, entre elas, a possibilidade de ser cancelada.

O candidato equivoca-se ao considerar que a expressão “às vezes” aciona uma implicatura convencional. Essa expressão, assim como muitas outras, compõe o conjunto de casos que a literatura especializada, a partir do trabalho de Laurence Horn, passou a considerar como instâncias do fenômeno chamado implicatura de quantidade escalar, um dos tipos de implicaturas conversacionais. A expressão “às vezes” integra a escala <sempre, às vezes>. Nessa escala, a expressão à esquerda (“sempre”) é mais informativa, sendo, por isso, preferível – a partir do critério estabelecido pela máxima conversacional da quantidade. Mesmo assim, admite-se que o falante seja menos informativo a fim de respeitar a máxima da qualidade (que recomenda que o falante não enuncie nada com cuja verdade não possa se comprometer). Dito de modo mais simples, se o falante optar por usar, em um enunciado, um item de uma escala que produza uma proposição menos informativa, o seu interlocutor estará autorizado a inferir que a recusa de usar um enunciado com um item da mesma escala que produza uma proposição mais informativa decorre do interesse em manter-se fiel à máxima da qualidade, ou seja, estará autorizado a inferir que o falante discorda da verdade proposição que seria produzia pelo uso deste enunciado. Sendo assim, o enunciado “Às vezes você dorme nos carros, nos postos de gasolina.” aciona a implicatura de quantidade escalar de que a pessoa referida pelo sujeito da sentença proferida nem sempre dorme nos carros, nos postos de gasolina. Mas essa é uma inferência conversacional, com as principais características desse tipo de implicatura, como a possibilidade de ser cancelada. De fato, o próprio enunciador poderia corrigir-se sem ser considerado contraditório, fazendo seguir-se ao enunciado um outro como o seguinte: “De fato, você sempre dorme nos carros, nos postos de gasolina”. Outra possibilidade seria que o interlocutor respondesse ao enunciado com algo como “Sim, eu sempre durmo nos carros, nos postos de gasolina”. Nos dois casos, estaríamos diante de um cancelamento, marca característica das implicaturas conversacionais. O mesmo não poderia ocorrer com implicaturas convencionais, que não são passíveis de cancelamento. Ninguém poderia negar a impressão de oposição de ideias associada à conjunção “mas” (caso clássico de item lexical ao qual se associa uma implicatura convencional). A implicatura convencional associada ao enunciado “Ele é gremista, mas é legal”, por exemplo, não poderia ser cancelada. Ninguém ouviria uma retratação a essa afirmação do tipo “Bem, com isso não quero dizer que gremistas não costumem ser legais” sem identificar uma contradição entre o que foi convencionalmente veiculado pelo uso da conjunção “mas” e o conteúdo do enunciado subsequente.

Tendo em vista esses esclarecimentos, percebe-se que a expressão “às vezes” dispara uma implicatura conversacional escalar (tema abordado de modo detalhado no livro recomendado na bibliografia *Arquitetura da conversação: teoria das implicaturas*, de Roberta Pires de Oliveira e Renato Basso), razão pela qual se deve considerar correta a afirmação I da questão 18 e pela qual se indefere o pedido de alteração do gabarito.

## PROTOCOLO: 192

Inscrição: 40.137778

Data de Envio: 20/08/2018 16:19

Questão: 21

Bibliografia: Bakhtin, M. (1997). Marxismo e Filosofia da Linguagem. (8 ed). São Paulo: Hucitec.

Fuchs, C. (1982). La paraphrase. (1 ed) Paris: Press Universitaire de France.

\_\_\_\_\_\_. A paráfrase linguística ? equivalência, sinonímia ou reformulação? Tradução de João Wanderley Geraldi. In: Cadernos de Estudos Linguísticos 8. Campinas: IEL/Unicamp, 1985. p. 129-134.

RECURSO:

Sugere-se anulação da questão.

Entende-se que a maneira como foi realizado o recorte dos fragmentos da obra ?Como funciona a ficção? de James Wood, usados para a questão, prejudica a interpretação, abrindo margem para que além da alternativa c, a alternativa b, também esteja correta. Entendemos que, para que seja possível fazer essa interpretação que toma como correta a alternativa c, seria necessário que o fragmento fosse completado com a sequência da escrita da obra que segue na página 21 (a qual passaremos a descrever na sequência ):

?Na verdade, estamos presos à narração em primeira e terceira pessoa. A ideia comum é de que existe u m contraste entre a narração confiável (a onisciência da terceira pessoa) e a narração não confiável (o narrador não confiável na primeira pessoa, que sabe menos de si do que o leitor acaba sabendo). [...]

Na verdade, a narração em primeira pessoa costuma ser mais confiável que não confiável, e a narração "onisciente" na terceira pessoa costuma ser mais parcial que onisciente.[...]

Até o narrador que não parece confiável costuma ser confiavelmente não confiável. [...]

Sabemos que o narrador não está sendo confiável porque o autor, numa manobra confiável, nos avisa dessa inconfiabilidade do autor. Há aí um processo de sinalização do autor: o autor nos ensina a ler o narrador.? (p. 19-21).

Como é possível perceber, não se pode, a partir da paráfrase do fragmento fornecido, dizer que narrador ?onisciente deve ser lido com suspeição?.

Também cabe ressaltar que a questão da paráfrase é ambígua, pois cada pessoa encontra, a partir de seu arcabouço linguístico as melhores palavras para representar na sua escrita/fala aquilo que leu ou ouviu do outro, assim quando fala-se em paráfrase é complicado afirmar que há apenas uma versão possível que melhor represente uma passagem. Podemos tomar por base a fala de M. Bakhtin (1997), em ?Marxismo e Filosofia da Linguagem?, o qual afirma que falar de paráfrase é falar de intertextualidade, polifonia e heterogeneidade. Além disso, segundo Fuchs (1982), o processo paráfrasico é constituinte do conhecimento humano, variável pelos sujeitos que percebem um conteúdo e o restauram de forma distinta. Ainda, do ponto de vista de Fuchs (1985), a paráfrase se manifesta não apenas pela estrutura linguística, ela pressupõe também a situação em que os participantes se envolvem: o locutor com sua intenção e o alocutário com sua recepção, com sua interpretação. Dessa forma, reiteramos que não é possível afirmar que há apenas uma melhor forma de expressar pela paráfrase o que é dito em um texto-fonte.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

Reconhecida a abrangência das possibilidades parafrásticas, conforme cita o recorrente – Bakhtin e Fuchs –, essa abrangência não é irrestrita e nem contempla a existência de relações não presentes no texto, em sentido amplo, parafraseado. Isto é, uma paráfrase correta do excerto solicitado não poderia indicar a “explícita onisciência do narrador em primeira pessoa”, como aparece na opção B, e que a torna incorreta. Em outros termos, o argumento para que a opção B seja considerada “a melhor paráfrase” ao raciocínio de James Wood recortado no trecho não prospera porque traz, inclusive, um equívoco, uma inversão, em relação ao que está dito na citação, em que a onisciência é atribuída à terceira pessoa. Se, por hipótese, não houvesse essa incorreção, daí se consideraria a segunda parte do recurso, que questiona a possibilidade de se escolher tal ou qual paráfrase, em termos absolutos, como a melhor paráfrase, embora também seja razoável argumentar que uma paráfrase pode ser melhor do que outra ao conseguir perceber e reconstruir de maneira mais precisa a linha argumentativa do texto parafraseado.

 Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 169

Inscrição: 40.137128

Data de Envio: 20/08/2018 14:09

Questão: 22

Bibliografia: MOISÉS, Massaud. A Literatura Portuguesa. São Paulo: Cultrix, 1968

RECURSO:

O gabarito afirma que a alternativa 22 tem a letra "c" como correta (alternativas 1 e 2), mas a alternativa 2 está incorreta, pois o trecho afirma que: o romance de 1930 é decerto um dos grandes momentos da nossa literatura, e o correto seria o romance da década de 1930, pois década e ano são tempos diferentes. A pergunta não ficou clara e se tornou ambígua.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

A expressão “romance de 1930” é de largo uso nos estudos de literatura brasileira nas escolas e nas universidades e refere-se, como sabido, aos romances produzidos na década de 30. Livros como *Uma história do romance de 1930*, de Luís Bueno, um livro de referência sobre o assunto, corroboram essa informação. Além disso, dentre os livros que constam na bibliografia do curso, “romance de 1930”, referindo-se aos romances produzidos na década de 1930, é expressão utilizada por Alfredo Bosi em *História concisa da literatura brasileira*. Não há, portanto, ambiguidade em relação à expressão.

Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 207

Inscrição: 40.137316

Data de Envio: 20/08/2018 18:06

Questão: 22

Bibliografia: BOSI, Alfredo. História concisa da Literatura Brasileira. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

RECURSO:

Pede-se a alteração do gabarito de "c" para "b", pelos motivos que seguem.

A alternativa apontada como correta pelo gabarito indica que as afirmações em I e em II estão corretas. No entanto, apenas a afirmação II está correta.

A afirmação I baseia-se no senso comum sobre o conteúdo: "Tem-se adotado a Semana da Arte Moderna de 1922 como marco inicial do Modernismo brasileiro na literatura (...)". No entanto, a única obra do Conteúdo Programático que aborda o período (BOSI, 2006), em nenhum momento diz isso.

Bosi aponta que "A Semana foi, ao mesmo tempo, o ponto de encontro das várias tendências que desde a I Guerra se vinham firmando em São Paulo e no Rio, e a plataforma que permitiu a consolidação de grupos, a publicação de livros, revistas e manifestos" (2006, p. 340). Bosi não data o modernismo a partir de um acontecimento específico, ao contrário, diz que o mesmo surgiu de "um clima estético e psicológico" da época (2006, p. 331), por isso mesmo, situa acontecimentos como a exposição de Anita Malfatti não como antecedentes do modernismo (ele trata do pré-modernismo em um capítulo anterior), mas como pertencentes a ele.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O recurso apresentado pelo recorrente justamente fundamenta o indeferimento de sua solicitação. O “Tem-se adotado” é expressão que remete ao vasto uso da Semana de Arte Moderna de 1922 como marco inicial do Modernismo brasileiro e é justo a bibliografia mencionada, *História concisa da Literatura Brasileira*, de Alfredo Bosi, que aponta para o sentido de que não podemos nos fiar nessas datas como balizadoras e devemos considerar o contexto efervescente do período, portanto, a afirmativa I está correta segundo o que consta no livro de Bosi aqui referendado.

Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 205

Inscrição: 40.137316

Data de Envio: 20/08/2018 17:37

Questão: 25

Bibliografia: AUERBACH, Erich. Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental. 2. ed. revisada. São Paulo: Perspectiva, 1987.

RECURSO:

Visto que existem duas alternativas que se apresentam incorretas em relação ao que propõe Auerbach ("a" e "b"), peço anulação da questão.

A alternativa "a" também é incorreta, e não apenas a "b", uma vez que sugere que "As diferenças apontadas por Auerbach em relação às duas formas de construção de personagens sugerem que haja diferenças na maneira com que as duas culturas estruturam suas narrativas." No entanto, o que o Auerbach faz é comparar as formas como a realidade é representada através dos tempos na Literatura Ocidental, então não se trata de comparar culturas, e sim de comparar maneiras diferentes de representar a realidade. Estas, por sua vez, se manifestam na construção de estilos literários diversos (p. 9). No caso específico do capítulo ?A cicatriz de Ulisses?, o que leva, na visão de Auerbach, a esses dois diferentes modos de representação da realidade são especificamente dois modos diferentes de conceber a religiosidade (e não a cultura, termo genérico não utilizado por Auerbach). Por um lado, a religião grega, com deuses representados por figuras humanas, "revelam uma tranquila aceitação dos dados da existência humana" (p. 11) e levam à construção de um estilo sem segundos planos (p. 3), já que seres humanos e deuses estão dispostos em planos mais simétricos, se comparada à religião cristã. Esta, por sua vez, tem um Deus não "apreensível na sua presença" (p. 9), pois supostamente só pode ser alcançado no plano espiritual, que não é o plano das relações humanas, daí a assimetria entre seres humanos e Deus, a qual Auerbach associa a imagem "carregada de segundos planos" dos personagens bíblicos (p. 9). Como se vê, não há uma alusão cultural, e sim religiosa no capítulo em questão.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O que está expresso na alternativa A é “As diferenças apontadas por Auerbach em relação às duas formas de construção de personagem sugerem que haja diferenças na maneira com que duas culturas estruturam suas narrativas”. Ou seja, não há aqui uma comparação entre culturas, como alega o recorrente, mas justamente uma comparação entre as formas como a realidade é representada nos dois casos. Paralelamente, a alegação de que Auerbach não cita o termo mais geral, “cultura”, mas estaria se referindo a “modos diferentes de conceber a religiosidade” não se sustenta, porque justamente a mobilização do termo mais abrangente responde à maneira como o procedimento proposto por Auerbach diz respeito justamente às formas de representação, sendo, portanto, mais abrangentes do que as formas de religiosidade. No próprio texto citado, mas que também pode ser conferido por toda a obra, termos como “estilo”, “processo subjetivo-perspectivista” e “ricos em segundo plano”, por exemplo, apontam nesse sentido.

Tendo em vista o exposto, indefere-se o pedido.

## PROTOCOLO: 496

Inscrição: 40.137591

Data de Envio: 21/08/2018 23:03

Questão: 26

Bibliografia: Não há bibliografia aplicada

RECURSO:

Gostaria de esclarecer alguns pontos desta questão para solicitar uma revisão de seu gabarito ou anulação da mesma. As opções II e III apresentam inconsistências as quais dificultam sua possível veracidade. Vejamos:

Na opção II, embora o texto nos apresente o detalhe de que os Massive Open Online Courses precisam de ajustes, o mesmo não é claro quanto ao fato de os MOOCs precisarem engajar mais seus participantes. Da mesma forma, não podemos afirmar que os MOOCs seriam mais bem sucedidos se houvessem ajustes, i.e., estes ajustes são condição para melhor uso dos cursos pelos participantes? Os mesmos seriam melhorados com estes ajustes? Com base no texto, creio ser problemático fazer tais inferências, pois não há margem para pensar que os ajustes necessários melhorariam o programa. A sugestão de melhoria dos MOOCs não é sinônimo de que tais melhorias tornariam o mesmo mais bem sucedido.

Da mesma forma, a opção III apresenta um detalhe que não é mencionado no texto. Tal detalhe é o fragmento a seguir: "Because they value vocational skills over academic knowledge...". O texto não apresenta ou abre margem para esse tipo de inferência, uma vez que não é claro que os empreendedores prezam mais as habilidades vocacionais, por exemplo, do que os conhecimentos acadêmicos. O fato de os mesmos incentivarem alunos a abandonarem a universidade para abrirem seu próprio negócio não pode ser sinônimo de que os empreendedores reconheçam mais as habilidades vocacionais do que os conhecimentos acadêmicos.

Desta forma, gostaria de solicitar a revisão de gabarito da letra "E" para a letra "A" ou a anulação da questão.

( ) DEFERIDO (X) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O texto menciona que, apesar de populares, os MOOCS necessitam alguns “tweaks” (l. 14), vocábulo que, segundo o Longman Dictionary Online, significa “to make small changes to a machine, vehicle, or system in order to **improve** the way it works”. Isto é, tais ajustes visariam a melhorias, logicamente. Nesse sentido, a autora do texto cita Erica Orange (l. 15-16), que afirma que “MOOCS are not working that well because people only take one class at a time and then don’t finish it because it isn’t compelling”. Nas críticas mencionadas nessa citação, apontam-se maneiras de melhorar os MOOCS para que as pessoas concluam os cursos, ou seja, para que esses cursos sejam mais bem-sucedidos, tornando-os mais interessantes para os alunos, informação que se relaciona estreitamente com o adjetivo “compelling”, ou seja, “very interesting or exciting, so that you have to pay attention”, segundo o mesmo Longman Dictionary Online. Ademais, o exemplo fornecido pela mesma Erica Orange nas linhas 19-20 enfatiza que a próxima geração de MOOCS colocará os alunos no mundo em que estão estudando e que, em vez de estudarem sobre a Guerra Civil, por exemplo, eles poderiam estar no próprio campo de batalha. Portanto, a alternativa II está correta, pois as melhorias dos MOOCS também deveriam envolver mais os alunos no processo de aprendizagem, o que garantiria maior adesão e percentual de conclusão dos cursos. Isso, por sua vez, **poderia** levar ao aumento do sucesso dos cursos, possibilidade expressa pelo uso do modal “could” no texto da assertiva II.

Já com relação à alternativa III, vale dizer que alguns empreendedores mencionados no texto valorizam mais habilidades vocacionais do que conhecimentos acadêmicos adquiridos em cursos formais de uma faculdade (college). O argumento lançado pela autora do texto, nas linhas 29-34, é que a educação com base em competências está sendo muito valorizada por empresas de tecnologia, como a IBM. Esse tipo de educação concentra-se no domínio de habilidades relacionadas ao trabalho mais prático (vocacional) e não no domínio de uma disciplina acadêmica. Para ilustrar que essa valorização da capacitação técnica também está ocorrendo no mercado de trabalho, a autora menciona o caso de empreendedores como Peter Thiel (l. 35-40), que incentivava jovens com menos de 20 anos de idade a abandonarem seus cursos formais para abrir seus próprios negócios. Caso os empreendedores citados não valorizassem as habilidades vocacionais mais que as acadêmicas, eles não ofereceriam um prêmio de US$ 100.000 para que jovens abandonassem seus cursos de educação formal (college) para se dedicarem à criação de suas próprias empresas, conforme informação expressa nas linhas 38-39. Portanto, de acordo com os argumentos e exemplos abordados no texto, alguns empreendedores valorizam mais as habilidades vocacionais que os conhecimentos acadêmicos, o que torna a alternativa III correta.

*## PROTOCOLO: 516*

Inscrição: 40.137591

Data de Envio: 21/08/2018 23:41

**Questão: 31**

Bibliografia: BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Linguagens, Códigos e suas Tecnologias. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Básica, 2006.

CANAGARAJAH, S. In search of a new paradigm for teaching english as an internationa language. In: TESOL Journal, 5.4, December, p. 767-785, 2014.

GARCEZ, P.; SCHLATTER, M. Línguas adicionais na escola: aprendizagens colaborativas em inglês. Erichim: Edelbra, 2012.

SIQUEIRA, S. Inglês como língua franca: o desafio de ensinar um idioma desterritorializado. In: GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores. Campinas, SP: Pontes Editores, p. 87-115, 2011.

GIMENEZ, T.; CALVO, L. C. S.; EL KADRI, M. S. Inglês como língua franca: ensino-aprendizagem e formação de professores. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.

RECURSO:

A questão se apresenta totalmente incoerente em relação as discussões atuais no âmbito do ensino-aprendizagem de línguas adicionais (GARCEZ; SCHLATER, 2012), bem como na Linguística Aplicada (CANAGARAJAH, 2014), principalmente no que diz respeito ao que é prescrito em documentos oficinais como as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006).

Tal incoerência se apresenta no fato de que a questão desconsidera totalmente os diversos tipos de variantes a qual a língua inglesa, entendida aqui como uma língua franca (GIMENEZ; CALVO; EL KADRI, 2011), pode vir a apresentar. Tal questão, ainda, ajuda a legitimar o viés opressor e de dominação de entendimento da língua inglesa ainda como sendo estrangeira, do outro, a qual somente o falante entendido como nativo é capaz de pronunciar de forma plena ou "correta" determinadas palavras. Assim como El Kadri (2010, p. 13 apud SIQUEIRA, 2011, p. 97), acredito que "conceber o inglês como língua franca e não como língua estrangeira traz implicações educacionais, pois provoca a descentralização do modelo de falante nativo, com repercussões para a escolha de variedades a serem ensinadas, o papel da cultura no ensino da língua e aspectos de correção linguística".

Desta forma, a solicitação de averiguação de "melhor pronúncia" em relação a palavra "witnessed" nos abre margem para diversos questionamentos, o principal deles: com base em qual variante da língua inglesa iremos balizar tal escolha? Portanto, gostaria de solicitar a anulação de tal questão, uma vez que a mesma se apresenta como incoerente e ajuda na legitimação de crenças como a do falante nativo ou de que existe uma única "pronúncia correta".

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

Apesar de reconhecermos a relevância das questões levantadas com relação às implicações do que ensinamos em aulas de língua inglesa, devemos considerar que esta prova de concurso é para docentes, portanto especialistas na área de Letras, que devem conhecer a diferenciação da pronúncia do *-ed* no passado simples.

No caso concreto da questão n. 31, o conteúdo específico da pronúncia do *-ed* no passado simples estava previsto na bibliografia deste concurso, pois, conforme Michael Swan (2005, p. 393-394, grifo nosso):

Pronunciation of -ed

The regular past ending -ed is pronounced as follows:

* /d/ after vowels and voiced consonants (except /d/):

/ð/, /b/, /v/, /Z/, /ʒ/, /dʒ/, /g/, /m/, /n/, /ŋ/, /l/

*tried* /traɪd/ *lived* /lɪvd/ *used* /ju:zd/ *failed* /feɪld/

* **/t/ after unvoiced consonants (except /t/):**

**/θ/, /p/, /f/, /s/, /ʃ/, /tʃ/, /k/**

***stopped* /stɒpt/ *passed* /pɑ:st/ *laughed* /lɑ:ft/ *watched* /wɒtʃt/, *worked* /wɜ:kt/**

* /*ɪ*d/ after /d/ and /t/

*Ended* /endɪd/ *started* /stɑ:tɪd/

Portanto, na questão 31, a única alternativa que contém um grupo de palavras com o mesmo padrão de pronúncia com relação ao *-ed* que a palavra “witnessed” é a letra **E** (*worked - watched – laughed*), conforme o segundo padrão apresentado na citação supra.

## PROTOCOLO: 288

Inscrição: 40.137737

Data de Envio: 21/08/2018 10:33

**Questão: 34**

Bibliografia: LIGHTBOWN, P.; SPADA, N. How languages are learned. 4th ed. Oxford University Press, 2013.

RECURSO:

A alternativa ?e? ?some information processing researchers refer to second language acquisition as ?skill learning?" está mal formulada. Por exemplo, ao traduzi-la, ela fica sem sentido. A tradução seria: ?Algumas informações que os pesquisadores de processamento se referem à aquisição da segunda língua como ?aprendizagem de habilidades?. Percebe-se que a falta de organicidade sintática. Por isso, a alternativa também seria incorreta.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

A questão se refere a três perspectivas cognitivas de aquisição e aprendizagem de língua estrangeira, sendo uma delas “information processing” (ou, em tradução livre, “processamento de informação”). Nesse sentido, a alternativa E não apresenta problemas sintáticos ou de tradução, pois refere-se aos pesquisadores da teoria cognitiva de processamento da informação. A tradução correta da alternativa E, portanto, é: “Alguns pesquisadores [da teoria] de processamento da informação referem-se à aquisição de segunda língua como ‘aprendizagem de habilidades’.

## PROTOCOLO: 456

Inscrição: 40.137625

Data de Envio: 21/08/2018 21:24

**Questão: 36**

Bibliografia: BROWN, H. D. Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy. Pearson Education, 2nd.ed., Longman, 2001.

RECURSO:

Solicita-se a anulação da questão 36, pois existem duas alternativas que não correspondem ao método comunicativo de ensino de línguas, a saber, letras (d), que consta no gabarito, e letra (c). Se analisarmos o texto de Brown (2001, p. 45, tradução minha), as características ?fluência e linguagem aceitável são objetivos principais? aparecem seguidas da explicação ?acurácia não é avaliada abstratamente, mas em contexto?. Ou seja, essa explicação, que NÃO aparece na questão 36, serve justamente para remover a ambiguidade da expressão "acceptable language". Brown utiliza esse adendo para circunscrever o conceito de ?aceitável? ao uso em contexto, que é, sim, uma característica dos métodos comunicativos. Contudo, sem a explicação, a expressão ?linguagem aceitável? também abrange o conceito de correção gramatical, que se trata de uma característica do método Audiolingual. Logo, a letra (c) também responde a questão 36.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

Primeiramente, de acordo com a bibliografia que embasa a questão, o ponto “fluência” não consta como uma característica do método audiolingual, como se observa na própria página 45. Em segundo lugar, a referida explicação sobre acurácia - que não consta na questão, mas é apresentada na bibliografia - apenas reitera a posição do autor sobre o fato de que fluência e “linguagem aceitável” são os principais objetivos do método comunicativo, sendo a acurácia um elemento a ser analisado de forma contextualizada, dinâmica, o que se configura como característica efetiva do método CLT. O foco da alternativa é citar quais são os principais objetivos do método CLT de acordo com o autor citado, e a acurácia, nesse sentido, não se apresenta como um desses objetivos.

Além disso, em nenhum ponto do texto citado o conceito de correção gramatical é mencionado como característica do método audiolingual, o que se configura apenas como uma interpretação do requerente em relação à teoria.

Portanto, a única alternativa correta continua sendo a opção D, que NÃO apresenta uma característica específica do CLT.

## PROTOCOLO: 481

Inscrição: 40.137254

Data de Envio: 21/08/2018 22:19

**Questão: 36**

Bibliografia: BROWN, H. D. Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy. Pearson Education, 2nd.ed., Longman, 2001.

RECURSO:

Solicita-se a anulação da questão 36, pois existem duas alternativas que não correspondem ao método comunicativo de ensino de línguas, a saber, letras (d), que consta no gabarito, e letra (c). Se analisarmos o texto de Brown (2001, p. 45, tradução minha), as características ?fluência e linguagem aceitável são objetivos principais? aparecem seguidas da explicação ?acurácia não é avaliada abstratamente, mas em contexto?. Ou seja, essa explicação, que NÃO aparece na questão 36, serve justamente para remover a ambiguidade do que pode ser entendido como &quot;acceptable language&quot;. Brown utiliza esse adendo para circunscrever o conceito de aceitável ao contexto, que é, sim, uma característica dos métodos comunicativos. Contudo, sem essa explicação, é possível interpretar que essa expressão se refira à linguagem aceitável em termos de correção gramatical, que se trata de uma característica do método Audiolingual.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

De acordo com a bibliografia que embasa a questão, o ponto “fluência” não consta como uma característica do método audiolingual, como se observa na própria página 45. Ainda, a referida explicação sobre acurácia - que não consta na questão, mas é apresentada na bibliografia - apenas reitera a posição do autor sobre o fato de que fluência e “linguagem aceitável” são os principais objetivos do método comunicativo, sendo a acurácia um elemento a ser analisado de forma contextualizada, dinâmica, o que se configura como característica efetiva do método CLT. O foco da alternativa é citar quais são os principais objetivos do método CLT de acordo com o autor citado, e a acurácia, nesse sentido, não se apresenta como um desses objetivos.

Além disso, em nenhum ponto do texto citado o conceito de correção gramatical é mencionado como característica do método audiolingual, o que se configura apenas como uma interpretação do requerente em relação à teoria, mas sem fundamentação concreta embasada na bibliografia citada.

Portanto, a única alternativa correta continua sendo a opção D, que NÃO apresenta uma característica específica do CLT.

## PROTOCOLO: 431

Inscrição: 40.138615

Data de Envio: 21/08/2018 19:37

**Questão: 36**

Bibliografia: BROWN, H. D. Teaching by principles: an interactive approach to language pedagogy. Pearson Education, 2nd.ed., Longman, 2001.

RECURSO:

Nesta questão, há mais de uma resposta possível, pois está indicada a página 45 da bibliografia citada no enunciado. Na letra "b", está escrito: Effective communication is sought, not "overlearning". De acordo com a referida página 45, só a primeira parte (Effective communication is sought) está citada, e, portanto, certa. Já a outra parte (not "overlearning") não é citada na página 45 desta bibliografia e, portanto, induz ao erro. Assim, penso que a letra "b" também poderia ser marcada como resposta.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

A opção B, “Effective communication is sought, not ‘overlearning” está correta pois refere-se a uma característica do método CLT. De acordo com a página 45 da bibliografia que embasa a questão, “overlearning” se configura como uma característica desejada pelo método audiolingual (“Mastery or ‘overlearning’ is sought”). Portanto, não se observa qualquer indução ao erro na alternativa.

## PROTOCOLO: 448

Inscrição: 40.137625

Data de Envio: 21/08/2018 20:49

**Questão: 40**

Bibliografia: HARMER, J. How to Teach English. England: Longman, 2007.

RECURSO:

Solicita-se a anulação da questão 40, pois existem duas alternativas que não correspondem às ideias de Harmer (2007) sobre o ensino da escrita, a saber, letras (c), que consta no gabarito, e (d).

Conforme a alternativa letra (d), o ?uso de gêneros na escrita ajuda os alunos na construção de textos apropriados de sua autoria.? Há de se concordar com essa afirmação, mas ela não faz parte do texto de Harmer, já que o autor defende que ?a análise de gêneros ajudará os alunos a compreender como textos típicos são construídos, e esse conhecimento vai ajudá-los a construir textos apropriados? (HARMER, 2007, p. 113, tradução minha). Ou seja, não é o ?uso de gêneros?, conforme a alternativa (d), que melhorará a escrita dos textos dos alunos, mas, sim, o conhecimento obtido pela ?análise? de gêneros.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O “uso de gêneros” é um termo que engloba diversas ações no trabalho com a produção escrita – dentre elas, a função comunicacional do gênero, a escolha do gênero de acordo com a importância que ele representa para determinado grupo de alunos, o conhecimento das convenções de cada gênero, além de outras não mencionadas por Harmer (2007, p.113). De acordo com o mesmo autor, todos esses elementos convergem para uma “análise do gênero” (ou “didatização do gênero” como citam Schneuwly e Dolz (2004), o que, de acordo com Harmer (2007, p.113) “auxilia os alunos a ver como textos típicos *dentro de um gênero* são construídos, e esse conhecimento *pode auxiliar* os alunos a produzirem textos autônomos”. Nesse sentido, o uso do modalizador “pode” indica que o conhecimento obtido pela análise de gêneros que se configura como *uma das possibilidades de auxílio* para que os estudantes consigam produzir textos de sua própria autoria, não podendo desconsiderar que o trabalho com outros elementos do gênero (além do conhecimento gerado pela análise das características do mesmo) também se constitui como elemento importante na produção de textos autorais pelos alunos. Além disso, é de suma importância ressaltar que o essencial no trabalho com produção escrita é uma abordagem global realizada em sala de aula a partir do uso de gêneros textuais.

## PROTOCOLO: 482

Inscrição: 40.137254

Data de Envio: 21/08/2018 22:21

**Questão: 40**

Bibliografia: HARMER, J. How to Teach English. England: Longman, 2007.

RECURSO:

Solicita-se a anulação da questão 40, pois existem duas alternativas que não correspondem às ideias de Harmer (2007) sobre o ensino da escrita, a saber, letras (c), que consta no gabarito, e (d).3

Conforme a alternativa letra (d), o ?uso de gêneros na escrita ajuda os alunos na construção de textos apropriados de sua autoria.? Há de se concordar com essa afirmação, mas ela não faz parte do texto de Harmer, já que o autor

defende que ?a análise de gêneros ajudará os alunos a compreender como textos típicos são construídos, e esse conhecimento vai ajudá-los a construir textos apropriados? (HARMER, 2007, p. 113, tradução minha). Ou seja, não é o ?uso de gêneros?, conforme a alternativa (d), que melhorará a escrita dos textos dos alunos, mas, sim, o conhecimento obtido pela ?análise? de gêneros.

( ) DEFERIDO ( X ) INDEFERIDO ( ) DEFERIDO PARCIALMENTE

FUNDAMENTAÇÃO:

O “uso de gêneros” é um termo que engloba diversas ações no trabalho com a produção escrita – dentre elas, a função comunicacional do gênero, a escolha do gênero de acordo com a importância que ele representa para determinado grupo de alunos, o conhecimento das convenções de cada gênero, além de outras não mencionadas por Harmer (2007, p.113). De acordo com o mesmo autor, todos esses elementos convergem para uma “análise do gênero” (ou “didatização do gênero” como citam Schneuwly e Dolz (2004), o que, de acordo com Harmer (2007, p.113) “auxilia os alunos a ver como textos típicos *dentro de um gênero* são construídos, e esse conhecimento *pode auxiliar* os alunos a produzirem textos autônomos”. Nesse sentido, o uso do modalizador “pode” indica que o conhecimento obtido pela análise de gêneros que se configura como *uma das possibilidades de auxílio* para que os estudantes consigam produzir textos de sua própria autoria, não podendo desconsiderar que o trabalho com outros elementos do gênero (além do conhecimento gerado pela análise das características do mesmo) também se constitui como elemento importante na produção de textos autorais pelos alunos. Além disso, é de suma importância ressaltar que o essencial no trabalho com produção escrita é uma abordagem global realizada em sala de aula a partir do uso de gêneros textuais.